



www.pnud.org.br
www.undp.org/hdr2003

Embargado até 8 de julho de 2003

Contatos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento:

Nova Iorque:
William Orme
Tel:(212) 906-5382
william.orme@undp.org

Londres:
Christelle Chapoy
Tel:(44) 20 7630 9361
christelle.chapoy@undp.org

Genebra:
Laura Ngo-Fontaine
Tel:(41 22) 917 83 61
Laura.ngo-fontaine@undp.org

Paris:
Abdoul Dieng
Tel:(331) 45 68 49 13
abdoul.dieng@undp.org

Bangkok:
Cherie Hart
Tel:(662) 288-2133
cheri.hart@undp.org

Bratislava:
Sandra Pralong
Tel:(421) 2 59 337 428
sandra.pralong@undp.org

Copenhague:
Ragnhild Imerslund
Tel:(45) 35 46 71 50
@undp.org
ragnhild.imerslund@undp.org

Tóquio:
Akiko Fuji
Tel:(81) 35 467-4853
akiko.fuji@undp.org

Brasília:
José Carlos Libânio
Tel:(55 61) 329-2000
rdh2003imprensa.@undp.org.br

Mundo corre risco de enfrentar uma crise de desenvolvimento

Sem uma mudança radical de políticas a fim de combinar recursos e intervenções proporcionais à magnitude do problema, o mundo pode enfrentar uma crise de desenvolvimento. As tendências de muitos países revelam sinais de estagnação e retrocessos. Fato sem precedentes, 21 países experimentaram reduções em seus Índices de Desenvolvimento Humano nos anos 90 (foram só 4 nos anos 80). O Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) 2003 identificou 59 países prioritários onde não apenas o ritmo do progresso rumo às Metas do Milênio tem sido assustadoramente lento ou negativo, como partiram de patamares muito baixos. As regiões mais críticas são a África ao sul do Saara e os países da ex-União Soviética.

Ao ritmo atual, o mundo só conseguirá atingir duas das oito Metas do Milênio: cortar pela metade a pobreza medida pela renda (a proporção de pobres vivendo com menos de US PPP \$/dia no planeta caiu de 30% para 23% entre 1990 e 1999) e diminuir em 50% o número daqueles que ainda não têm acesso a água potável. Mesmo essas Metas só devem ser alcançadas graças aos progressos em apenas dois países: China e Índia. Se tudo seguir no mesmo passo, a meta de reduzir pela metade a proporção de pessoas que passam fome só será atingida pelo mundo entre 2020 e 2050, com regiões mais críticas, como o sul da Ásia e a África sub-saariana, onde isso só deverá acontecer daqui a um século. Previsão semelhante vale para a Meta de reduzir em dois terços a mortalidade infantil. Ainda em situação pior, a Meta de que todas as crianças até 14 anos estejam matriculadas na escola só seria atingida pela média mundial após 2050.

Além disso, mesmo em países onde o desenvolvimento médio tem sido promissor, persistem as desigualdades como profundos bolsões de pobreza, analfabetismo e doença - especialmente nas áreas rurais e entre grupos populacionais específicos, como mulheres e minorias étnicas.

Plano temporal: quando serão atingidas as MDM se os progressos não forem mais rápidos?

	Pobreza	Fome	Ensino primário	Igualdade entre géneros	Mortalidade antes dos 5 anos	Acesso a água	Acesso a saneamento
ATINGIDO	Estados Árabes ^a Leste Asiático e Pacífico	Europa Central e do Leste e CEI ^a	América Latina e Caraíbas ^a Europa Central e do Leste e CEI ^a Leste Asiático e Pacífico ^a	América Latina e Caraíbas		Europa Central e do Leste e CEI ^a	
2000	Mundo Ásia do Sul	Leste Asiático e Pacífico			América Latina e Caraíbas	Ásia do Sul Mundo América Latina e Caraíbas	
2015					Leste Asiático e Pacífico	Leste Asiático e Pacífico	Ásia do Sul Mundo América Latina e Caraíbas Leste Asiático e Pacífico
2020		América Latina e Caraíbas		Leste Asiático e Pacífico			
2050		Mundo	Ásia do Sul	Estados Árabes Ásia do Sul	Ásia do Sul Estados Árabes Mundo	África Subsariana	
2100			Estados Árabes Mundo				
2200		Ásia do Sul África Subsariana	África Subsariana		África Subsariana		
					Europa Central e do Leste e CEI		
REVERSÃO	América Latina e Caraíbas África Subsariana Europa Central e do Leste e CEI	Estados Árabes					África Subsariana

a. Considera-se que a região atingiu a Meta na medida em que tem um nível de pobreza humana baixo (abaixo de 10%) no ano mais recente em relação à Meta em questão (ver Nota Técnica 2).
Fonte: Cálculos do Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano baseados na figura 2.1.

Nem todos os sinais são negativos, entretanto. Ao longo dos anos 90 vários países conseguiram melhorias dramáticas: a China conseguiu reduzir a pobreza à metade, Gana e Peru diminuíram significativamente a fome, e houve uma reversão na tendência de infecção pelo HIV/Aids em Uganda, por exemplo.

E há provas de que o progresso pode ser atingido rapidamente. Em apenas 7 anos 11 milhões de pessoas passaram a ter acesso a água potável na África do Sul, a China conseguiu diminuir de 33% para 18% a proporção de pobres em sua população em um período de apenas 9 anos, e ao longo de 15 anos Botsuwana conseguiu dobrar para 89% a taxa de matrícula no ensino fundamental.

O RDH 2003 incita os países ricos a cumprirem suas promessas de combater a pobreza mundial. Regras de comércio justas, mais ajuda financeira e alívio nas dívidas dos países pobres são considerados vitais para resolver a crise mundial de desenvolvimento, segundo o Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Sem o compromisso das nações ricas, diz o Relatório, as Metas do Milênio não serão atingidas. Em contrapartida, as nações pobres devem promover reformas e otimizar a alocação de recursos para as populações mais carentes.

Enquanto grande parte do mundo usufruiu diferentes graus de crescimento econômico ao longo dos anos 90, a população de 54 países em desenvolvimento experimentou quedas em sua renda per capita na última década, revela o RDH 2003. A maioria desses países que chegaram ao ano 2000 mais pobres do que eram em 1990 ficam na África sub-saariana, sendo vários localizados na América Latina também.

A fim de reverter esse problema, o Relatório enfatiza que as estratégias de desenvolvimento devem focar não apenas o crescimento econômico, mas também uma distribuição mais equitativa da riqueza e dos serviços. As Metas do Milênio são baseadas na premissa de que o crescimento econômico por si só não vai conseguir resgatar as mais de 1 bilhão de pessoas que vivem na pobreza.

Entre as contribuições especiais para o RDH 2003 está um texto do agraciado com o Nobel de Economia de 2002, Joseph Stiglitz. Ele faz uma crítica severa dos estudos econométricos que procuram estabelecer uma relação de causa e efeito entre globalização e crescimento - e entre crescimento e redução da pobreza. Para ele, esses estudos visam estimular a abertura da economia dos países, liberalizá-las mediante a promessa de crescimento e de redução da pobreza.

"Às vezes o crescimento ajuda os pobres, às vezes não. Por algumas medições, a pobreza na América Latina cresceu nos anos 90, mesmo em países nos quais houve crescimento. Não é que os mais ricos apenas ganharam desproporcionalmente com o crescimento: parte de seus ganhos pode ter vindo à custa dos pobres", escreve Stiglitz.

Segundo o ganhador do Prêmio Nobel, tais estudos não respondem à crítica mais fundamental à globalização como ela vem sendo praticada: que ela é injusta e que seus benefícios tem ido desproporcionalmente para os ricos. O efeito negativo disso, sustenta, é que esses estudos econométricos têm desviado a discussão do que ela deveria ser. Ou seja, a afinidade de políticas particulares para países em particular, como a globalização pode ser moldada, sobre o papel das instituições econômicas mundiais, tudo com o objetivo de mais bem promover o crescimento e reduzir a pobreza no mundo em desenvolvimento.

Ranking do IDH

No ranking mundial do IDH não houve mudanças na primeira nem na última posições, que continuam sendo ocupadas pela Noruega e por Serra Leoa, respectivamente. Como novidade, a Islândia tirou a segunda colocação da Noruega. Já dos 34 países com IDH considerado baixo (menor do que 0,500), 30 ficam ao sul do Saara, na África.